



## O PROBLEMA DA EMIGRAÇÃO

Ontem um jornal da manhã, muito alarmado com mais uma leva de emigrantes para o Brasil, gritava que não se devia consentir na despopulação do país, porque eram braços que deixavam de cultivar a terra que dêles tanto carecia. É muito patriótico brado do patriótico jornal. Mas não seria lícito perguntar se pelo facto destes braços por cá se conservarem a terra viria a ser cultivada?

Justificar-se-ia até certo ponto o desespero patriótico da gazeta em referência se a terra até hoje tivesse sido bem aproveitada com vantagem para consumidores e trabalhadores. Mas há quanto tempo se anda dizendo que três quartas partes da região portuguesa estão por cultivar! E' por falta de braços que este facto lamentável se verifica? Não! Porque ninguém ignora que o proletariado luta com uma grande falta de trabalho. Portanto, há que fazer porque há terra inculta e há trabalhadores porque eles andam por aí a morrer de fome. Os que emigraram não o fazem porque não tenham onde empregar a sua actividade, mas porque não lhes permitem trabalhar.

Obrigar esses trabalhadores em crise forçada a permanecer no país sem lhes garantirem trabalho é um crime. E' obrigar-lhos a morrer de fome. A aludida gazeta por uma questão de amor próprio parece que deseja que os poderes públicos impeçam essa emigração. São, assim, estas teorias patrióticas: — para os pârias custam sacrifícios para os poderosos só dão honrarias e fortuna.

A emigração é ainda uma válvula de alívio para os que não têm trabalho e, mesmo assim, nem todos os famintos podem emigrar porque a maioria se visse um dia nas suas mãos o dinheiro suficiente para uma passagem daqui para o Brasil empregá-lo hia de preferência em pão para matar a fome aos filhos. Cerrar as portas à emigração — é cerrar as portas que se abrem para a última esperança de vida.

A emigração deve ser livre, porque sendo a pátria a terra onde se encontram facilidades de vida, não está certo que se retirem essas facilidades de vida a quem aqui não as encontra.

Se não querem assistir por mais tempo ao triste espetáculo da emigração de famintos para o Brasil criem em Portugal condições de vida que tornem a existência suportável para quem deseja trabalhar.

### O Suplemento de "A Batalha"

## Publica-se àmanhã o último número

referente ao seu terceiro ano

O Suplemento de A Batalha conseguiu um novo êxito: chegar ao fim do seu terceiro ano. Indiferentes dificuldades hemos vencido durante os três anos, mas a aceitação pública e a sinceridade das nossas ideias têm garantido o sucesso da interessante e apreciada publicação.

Não deixa de ter relévo o número do Suplemento de A Batalha — o último do terceiro ano — que amanhã se publica.

A moral dos julgamentos de mixorredeiros — pesadas condenações para os pequenos — proteção escandalosa para os grandes — é vigorosamente criticado num artigo que se recomenda pela sua actualidade e pela sua verdade.

A imensidão é objecto de apreciações filosóficas do nosso colaborador Abilos.

Outro colaborador, o engenheiro Júlio Eduardo dos Santos, mais uma vez se dirige por carta a uma criança de oito anos.

Possuego o nosso inquérito sobre a actividade da mulher, publicando-se neste número variadas respostas.

Ladislau Batalha disserta acerca das antigas e modernas comezainas e dos seus significados, devendo os leitores ficar bastante deliciados com o sabor de um estudo muito apreciável.

Não esqueceram as Actualidades da semana — o julgamento de Marang, Arte Moderna, o aniversário do Suplemento.

Ferreira de Castro surge com as suas imagens de água profunda, denunciando a covardia entre os sul-americanos.

O nosso camarada Alfredo Marques publica uma crónica muito curiosa acerca da lucidez dos loucos.

A coedcação não é apenas um problema moral e sexual; é sobretudo um problema social — assim o demonstra um nosso colaborador.

Depois disto, as habituals secções educativas e recreativas.

O número do Suplemento de A Batalha, pela matéria contida, pelas ideias expostas, pelo interesse oferecido, merece o aplauso animador de maiores iniciativas por parte dos nossos leitores e dos nossos amigos.

ASSINEM OS MISTÉRIOS DO Povo

# A BATALHA

## PERANTE O JULGAMENTO DE MARANG

### A campanha de "A Batalha" sobre a emissão secreta das notas do Banco de Portugal alcança o mais estrondoso êxito

Inocêncio Camacho, cuja crónica é bem conhecida dos nossos leitores, fez em Haia uma figura vergonhosa que só trouxe descrédito ao Estado Português. Este que se defende, porque essa missão não nos cabe a nós

Se outro intuito, mais alto não fosse o nosso senão o de fazer jornalismo, que tremendo triunfo não seria o de A Batalha, nesta questão, do Angola e Metrópole-Banco de Portugal!

A intervenção de A Batalha, como órgão dos trabalhadores, como verdadeiro órgão da opinião pública, foi simplesmente formidável. Não é por vontade que o dizemos — porque os factos o gritam ainda mais alto do que nós: a campanha de A Batalha sobre o caso das notas de 500 escudos é, senão a maior, uma das maiores, mais brillantes, mais audazes, mais heroicas de todos os tempos no jornalismo português.

E' possível que a opinião burguesa e capitalista nos faça pagar no banco dos reus o triunfo moral da nossa campanha. Mas nem o banco dos reus nos assista. O nosso juiz é a opinião pública — e esta aplaudem-nos.

Sem a intervenção de A Batalha o escândalo nunca teria sido esclarecido. E tão bem ou tão mal. A Batalha se conduziu que o advogado de Marang baseou as preguntas definitivas do seu interrogatório sobre as nossas informações? E de veracidade destas, da sua esmagadora veracidade, ajudará o leitor pela indecisão vergonhosa que os homens do Banco de Portugal mostraram ao responder. Senão veja-se pela reportagem imparcial, clara, que Reinaldo Ferreira ontem fez inserir no Diário de Lisboa — jornal e jornalista suspeitos de A Batalha.

**A reportagem do "Diário de Lisboa"**

— Outra pergunta do advogado:

— Mas a Casa Waterlow tinha em seu poder as chapas e as chancelas...

— Tinha, mas era para fazer notas verídicas e não as falsas!

Risos na audiência. O próprio presidente sorri. O sr. Inocêncio Camacho, nervoso mas austero, mantém a mesma inalterável gravidade. Entretanto, o advogado, que é incansável, tira da pasta outro exemplar de A Batalha.

**Mesmo assim, temos dêles!**

— Outra pergunta do advogado:

— Pobre Inocêncio Camacho, que nem expediente tens para te defenderes!

— Como explica o senhor que aparecem três bilhetes de 500 escudos, numa emissão anterior à do Angola e Metrópole e todos com o mesmo número e série?

Foi, realmente, um «coup de theatre». O sr. Inocêncio Camacho, que já estava nervoso, impacienta-se. Não compreende o que significa aquela surpresa. Uma ciúme dos seus inimigos? Os juizes soerguem-se, curiosos. Curioso está o próprio governador do Banco de Portugal. Examina as notas, certifica-se e responde:

— Ou são falsas, ou viciaram-lhes os numeros.

— Pobre Inocêncio Camacho, que nem expediente tens para te defenderes!

— Como explica o senhor que aparecem três bilhetes de 500 escudos, numa emissão anterior à do Angola e Metrópole e todos com o mesmo número e série?

Foi, realmente, um «coup de theatre». O sr. Inocêncio Camacho, que já estava nervoso, impacienta-se. Não compreende o que significa aquela surpresa. Uma ciúme dos seus inimigos? Os juizes soerguem-se, curiosos. Curioso está o próprio governador do Banco de Portugal. Examina as notas, certifica-se e responde:

— Ou são falsas, ou viciaram-lhes os numeros.

— Pobre Inocêncio Camacho, que nem expediente tens para te defenderes!

— Como explica o senhor que aparecem três bilhetes de 500 escudos, numa emissão anterior à do Angola e Metrópole e todos com o mesmo número e série?

Foi, realmente, um «coup de theatre». O sr. Inocêncio Camacho, que já estava nervoso, impacienta-se. Não compreende o que significa aquela surpresa. Uma ciúme dos seus inimigos? Os juizes soerguem-se, curiosos. Curioso está o próprio governador do Banco de Portugal. Examina as notas, certifica-se e responde:

— Ou são falsas, ou viciaram-lhes os numeros.

— Pobre Inocêncio Camacho, que nem expediente tens para te defenderes!

— Como explica o senhor que aparecem três bilhetes de 500 escudos, numa emissão anterior à do Angola e Metrópole e todos com o mesmo número e série?

Foi, realmente, um «coup de theatre». O sr. Inocêncio Camacho, que já estava nervoso, impacienta-se. Não compreende o que significa aquela surpresa. Uma ciúme dos seus inimigos? Os juizes soerguem-se, curiosos. Curioso está o próprio governador do Banco de Portugal. Examina as notas, certifica-se e responde:

— Ou são falsas, ou viciaram-lhes os numeros.

— Pobre Inocêncio Camacho, que nem expediente tens para te defenderes!

— Como explica o senhor que aparecem três bilhetes de 500 escudos, numa emissão anterior à do Angola e Metrópole e todos com o mesmo número e série?

Foi, realmente, um «coup de theatre». O sr. Inocêncio Camacho, que já estava nervoso, impacienta-se. Não compreende o que significa aquela surpresa. Uma ciúme dos seus inimigos? Os juizes soerguem-se, curiosos. Curioso está o próprio governador do Banco de Portugal. Examina as notas, certifica-se e responde:

— Ou são falsas, ou viciaram-lhes os numeros.

— Pobre Inocêncio Camacho, que nem expediente tens para te defenderes!

— Como explica o senhor que aparecem três bilhetes de 500 escudos, numa emissão anterior à do Angola e Metrópole e todos com o mesmo número e série?

Foi, realmente, um «coup de theatre». O sr. Inocêncio Camacho, que já estava nervoso, impacienta-se. Não compreende o que significa aquela surpresa. Uma ciúme dos seus inimigos? Os juizes soerguem-se, curiosos. Curioso está o próprio governador do Banco de Portugal. Examina as notas, certifica-se e responde:

— Ou são falsas, ou viciaram-lhes os numeros.

— Pobre Inocêncio Camacho, que nem expediente tens para te defenderes!

— Como explica o senhor que aparecem três bilhetes de 500 escudos, numa emissão anterior à do Angola e Metrópole e todos com o mesmo número e série?

Foi, realmente, um «coup de theatre». O sr. Inocêncio Camacho, que já estava nervoso, impacienta-se. Não compreende o que significa aquela surpresa. Uma ciúme dos seus inimigos? Os juizes soerguem-se, curiosos. Curioso está o próprio governador do Banco de Portugal. Examina as notas, certifica-se e responde:

— Ou são falsas, ou viciaram-lhes os numeros.

— Pobre Inocêncio Camacho, que nem expediente tens para te defenderes!

— Como explica o senhor que aparecem três bilhetes de 500 escudos, numa emissão anterior à do Angola e Metrópole e todos com o mesmo número e série?

Foi, realmente, um «coup de theatre». O sr. Inocêncio Camacho, que já estava nervoso, impacienta-se. Não compreende o que significa aquela surpresa. Uma ciúme dos seus inimigos? Os juizes soerguem-se, curiosos. Curioso está o próprio governador do Banco de Portugal. Examina as notas, certifica-se e responde:

— Ou são falsas, ou viciaram-lhes os numeros.

— Pobre Inocêncio Camacho, que nem expediente tens para te defenderes!

— Como explica o senhor que aparecem três bilhetes de 500 escudos, numa emissão anterior à do Angola e Metrópole e todos com o mesmo número e série?

Foi, realmente, um «coup de theatre». O sr. Inocêncio Camacho, que já estava nervoso, impacienta-se. Não compreende o que significa aquela surpresa. Uma ciúme dos seus inimigos? Os juizes soerguem-se, curiosos. Curioso está o próprio governador do Banco de Portugal. Examina as notas, certifica-se e responde:

— Ou são falsas, ou viciaram-lhes os numeros.

— Pobre Inocêncio Camacho, que nem expediente tens para te defenderes!

— Como explica o senhor que aparecem três bilhetes de 500 escudos, numa emissão anterior à do Angola e Metrópole e todos com o mesmo número e série?

Foi, realmente, um «coup de theatre». O sr. Inocêncio Camacho, que já estava nervoso, impacienta-se. Não compreende o que significa aquela surpresa. Uma ciúme dos seus inimigos? Os juizes soerguem-se, curiosos. Curioso está o próprio governador do Banco de Portugal. Examina as notas, certifica-se e responde:

— Ou são falsas, ou viciaram-lhes os numeros.

— Pobre Inocêncio Camacho, que nem expediente tens para te defenderes!

— Como explica o senhor que aparecem três bilhetes de 500 escudos, numa emissão anterior à do Angola e Metrópole e todos com o mesmo número e série?

Foi, realmente, um «coup de theatre». O sr. Inocêncio Camacho, que já estava nervoso, impacienta-se. Não compreende o que significa aquela surpresa. Uma ciúme dos seus inimigos? Os juizes soerguem-se, curiosos. Curioso está o próprio governador do Banco de Portugal. Examina as notas, certifica-se e responde:

— Ou são falsas, ou viciaram-lhes os numeros.

— Pobre Inocêncio Camacho, que nem expediente tens para te defenderes!

— Como explica o senhor que aparecem três bilhetes de 500 escudos, numa emissão anterior à do Angola e Metrópole e todos com o mesmo número e série?

Foi, realmente, um «coup de theatre». O sr. Inocêncio Camacho, que já estava nervoso, impacienta-se. Não compreende o que significa aquela surpresa. Uma ciúme dos seus inimigos? Os juizes soerguem-se, curiosos. Curioso está o próprio governador do Banco de Portugal. Examina as notas, certifica-se e responde:

— Ou são falsas, ou viciaram-lhes os numeros.

— Pobre Inocêncio Camacho, que nem expediente tens para te defenderes!

— Como explica o senhor que aparecem três bilhetes de 500 escudos, numa emissão anterior à do Angola e Metrópole e todos com o mesmo número e série?

Foi, realmente, um «coup de theatre». O sr. Inocêncio Camacho, que já estava nervoso, impacienta-se. Não compreende o que significa aquela surpresa. Uma ciúme dos seus inimigos? Os juizes soerguem-se, curiosos. Curioso está o próprio governador do Banco de Portugal. Examina as notas, certifica-se e responde:

— Ou são falsas, ou viciaram-lhes os numeros.

— Pobre Inocêncio Camacho, que nem expediente tens para te defenderes!

— Como explica o senhor que aparecem três bilhetes de 500 escudos, numa emissão anterior à do Angola e Metrópole e todos com o mesmo número e série?

Foi, realmente, um «coup de theatre». O sr. Inocênc

**TEATRO SALÃO FOZ**  
Matinée às 3 h. Soirée às 8,45 h.  
HOJE — Espectáculo sensacional — HOJE  
Pendentes espetáculos da embaixada estrada do «cupim».

**Emília Domingo**  
Grandioso êxito da graciosa bailarina-completaista.

**FABIOLA**  
Concerto pela FOZ MELODY BAND

No «écran»: Última exibição de A NOITE DE NATAL — 6 partes por Elisa Hamstermeier, um «film» cómico e outro natural.

Amanhã — estreia do notável barítono português.

**António Caldeira**

**TIVOLI**

Telefone II. 5474

Matinée às 3 horas  
soirée às 9 horas**ÚLTIMA EXIBIÇÃO**  
**O FANTASMA DA OPERA**

«Film» fantástico, extraído da novela do popular romancista Gaston Leroux, com Lon Chaney, Mary Philbin e Norman Kerry. Tomam parte 5.000 pessoas neste «film».

: : Scenas a cores naturais:  
: :  
**A MARAVILHA DA T. S. F.**  
: : DANÇAS ARTÍSTICAS : :  
: : UMA CINE-FARÇA : :  
: : REVISTA MUNDIAL : :**AVISO:**  
Espectáculo um pouco forte para crianças pequenas de nervosidade anormal**AMANHÃ:**  
Pampilhas em o NAVEGANTE**TEATRO AVENIDA**Telet. II. 3355  
O teatro mais popular de LisboaHOJE, às 21,30 horas  
**COMPANHIA SATANELA-AMARANTE**

Espectáculo sem final em bisões e a única peça que explora com êxito e agrado, o gênero da comédia musical.

O monumental «vaudeville»

**O Dr. da Mula Ruça****TEATRO NACIONAL**HOJE  
Telet. W. 3049**COMPANHIA**  
BERTA BIVAR — ALVES DA CUNHA

A 21 horas: representação do sensacional drama em 4 actos

**O PARALÍTICO**

peça que todos devem ir ver para apreciar o notável trabalho do ilustre actor

**ALVES DA CUNHA**

O mais artístico espectáculo da actualidade

BREVEMENTE — A tragicomédia:

**O homem e os seus fantasmas****TEATRO VARIÉDADES**

praque MAREN — Telet. II. 4.107

**HOJE — HOJE**

Inauguração dos espetáculos em duas sessões às 8,15 e 10,15 pela companhia

MARIA, MARIA-MENDONÇA DE CARVALHO, com a comédia em 3 actos

**ERA UMA VEZ UMA MENINA**

Protagonista a gentil actriz

**MARIA HELENA**

PREÇOS POPULARES

Não há locação

**LA NOVELA IDEAL**

Acaba de chegar o n.º 38 desta revista

intitulado *El drama de un amor vulgar*, de J. Rodriguez Aragón, — Preço, \$50.

Pedidos à administração de A Batalha.

questões não há meios termos, mas vencidos ou vencedores.

é onde estaria, pois, o meio-termo que servisse à C. G. T., portuguesa no caso de não estar na A. I. T., nem poder ir para a I. S. V. ou F. S. I.?

que táticas e que princípios se viria a dar-lhe que não fossem dos comunistas, dos sociais-democratas, nem dos sindicalistas revolucionários? Não tendo táticas nem princípios a determinar-lhe a sua ação coordenadora, a C. G. T. não teria autonomia nem critério próprio;

seria apenas a cabeça dum movimento essencialmente corporativista próprio do século passado, de antes da velha Internacional. Tampouco qualquer das tendências em luta querer isso.

Portanto e para terminar — se alguns camaradas, defendendo a «União Sindical», a custa da nossa saída da A. I. T., supõem que a orientação da C. G. T. ficaria sendo «consequente com os objectivos revolucionários do sindicalismo», estão redondamente enganados.

é neste caso, elas contribuem para a morte do sindicalismo português. Que o façam aqueles, que pretendem um sindicalismo comunista ou social-democrata, é lógico; mas que assim procedam os que se afirmam sindicalistas revolucionários, partidários do sindicalismo esboçado em Portugal em 1909, «hemos de convir que é violento».

Silva CAMPOS

**CARTA DO PORTO****Como procedem os proprietários das homicidas "ilhas" para com os seus inquilinos**

PORTO, 26.—A guerra entre senhorios e inquilinos parece reactivar-se com o inverno — porque a luta entre aquelas duas entidades já terminará dentro do actual sistema económico-social.

Há uma certa razão desta peleja se atirar mais por estes tempos de inverno. E' que a triste casaria dessas ilhas imundas que polvilham a cidade velha e contaminam a cidade nova, ainda sempre inundada, não simplesmente pela torrencialidade das chuvas, mas ainda pela lama e todo o gênero de detritos pestilentes que se acumulam, em contagiantes reuniões de miasmas de morte, pelos lóbregos arruamentos das ditas ilhas...

Agora mesmo um nosso camarada, militante da classe do mobiliário, nos está a contar um desses casos interessantes que se passam por essa miserável vida fora.

Para as bandas da travessa Nova do Regado, 53, aninha-se também uma das tais ilhas infestas, boiando na característica esterquilice à qual o inspector de saúde fecha, sempre os olhos. E' proprietário daquele fúnebre rincão de gaiolas apodrecidas a sr. Guilhermina Rosa de Jesus, que tem como uma espécie de seu procurador um sobrinho do nome José António da Costa.

A sr. Guilhermina é um vivo modelo de virtudes velhaceiras, fazendo muita honra àquela classe de mulheres de pélo na vento, que contradizem quaisquer alegações de sentimentalidade que costuma emoldurar o coração feminil...

Seu sobrinho, por uma questão de interesse próprio, não pode deixar de acompanhar no jazz-band das tropelias senhoriais.

A querida dona da ilha do Regado, sempre em atenção à saúde dos seus inquilinos, mandou tapar o escadourão que dava passagem às águas. Foi um cálculo previsto que está a dar excelentes resultados de revinditas insaciáveis: as águas, as porcarias, agora entram pelas poulegas de alguns caleiros, a tal ponto de não poderem transitar ou mesmo descansar dentro das casas de segredo... quasi presidiário...

é isto isto para quê? Para que esses sacrificados inquilinos, muito especialmente Abílio de Barros Guimarães, se vejam forçados a perder a sua relutância de se deixarem esburrar, dando para as mãos da sórdida senhora tudo quanto elas exigir...

Não satisfeita, porém, com o tapamento do cano geral que escova as águas, especialmente mandou fazer um buraco que fizesse propostadamente incidir a corrente de todos os líquidos para debaixo da morada insalubre do citado caleador Abílio de Barros. Não só são as chuvas que, em caudalosas pontes, vão alagares os baixios da referida casinholha: também toda a sorte de despejos, lançados no interior da ilha, lá vão parar, porque uma vizinhança perpendicular que não teve a obridade de acautelar os seus direitos, deixando-se exageradamente extorquir, auxilia a senhora nas suas vinhanças torpes...

E quando esta, por estes tempos de imiplacável tempestade de aguaceiros arrelianenses, vê a casa da vítima inundada, bate freneticamente palmas e solta gargalhadas de preta na frente de um europeu espantado... Comprez se toda em ver que o soalho do cubículo está cada vez mais podre e derrapado, que o casebre cada vez mais vai ameaçando ruína e que dentro dessa autêntica ratofeira estão alguns inocentes, algumas crianças, que estão prestes a ser vitimadas pela malvadeza da sr. Guilhermina, que é mesmo uma rosa de bondades excelsas, como se vê...

E enquanto o nosso camarada continua assediado pelas enxurradas e pelas porcarias várias que lhe varrem para a porta inundada, tendo de colocar, à guisa de ponte, uma tábua para poder transitar da inferior do coichicholo para fora — a piedosa senhora vai regosijando-se com a certeza de que o inspector de saúde e outras autoridades competentes jámás terão vagar de inspecção aquela perigosa montureira...

Este caso que revelamos é exemplo vivo de centenas de casos idênticos que estão a desenrolar-se pelas inúmeras ilhas infecciosas do burgo. — C.

**ACABA DE SAIR:**  
**A EPOPEIA DO TRABALHO**

— POR — Ferreira de Castro, com desenhos de Roberto Nobre

Espôncido livro, que é um verdadeiro hino ao Trabalho, com dezenas de gravuras. A venda nas livrarias, ao preço de \$600 e, à cobrança de \$700.

Pedidos à Livraria Renascença, de J. Cardoso, editor, Rua dos Poais de São Bento, 27 e 29 e à Administração de A Batalha, calçada do Combro, 33-A, 2.º — Lisboa — Portugal.

**SOCIEDADES DE RECREIO**

Grupo Dramático Solidariedade Operária — É hoje às 21 horas que se realiza no Salão de Festas da Construção Civil a récita dedicada aos sócios e suas famílias, subindo à cena o empolgante drama em 4 actos «Silvio e Ciganos».

Abrilhanta o espetáculo o Grupo Bandolinista «Os Pirilás». A entrada é gratis.

Clube Recreativo os «Choras» — Realiza-se hoje, pelas 14 horas, uma «matinée dancing».

Grupo Dramático e Musical Apolo — Hoje, baile às 21 horas.

Concentração Musical 24 de Agosto — Hoje, às 21 horas, baile.

Troupe de Bandolinistas «Os Liras» — Hoje, às 21 horas, grandioso baile com diversas surpresas para as damas.

Academia Filarmónica Verdi — Hoje realizam-se nestas colectividades importantes festas dedicadas aos sócios e suas famílias em que toma parte o ilusionista «O Indiano».

Na segunda-feira haverá baile extraordinário com valsa a prémio.

Pelo paquete «Loanda» são expedidas hojas malas postais para Bissau e Bolama. Da Estação Central dos Correios a última tiragem de correspondências ordinárias efectua-se à 1 hora da tarde, recebendo-se para registar até às 11 horas da manhã.

**CARTA DE COIMBRA****O conflito hospitalar continua sem solução**

«Um grupo de conimbricenses» pronuncia-se sobre o conflito

COIMBRA, 26.—Continua de pé, sem solução, sendo o tema preferido de quase todos as conversas, o conflito, que ontem históriamente suscitado entre o director dos Hospitais Universitários, dr. Novais e Sousa, e o dr. Bissaya Barreto, ambos professores da Faculdade de Medicina, desta cidade.

«Um grupo de conimbricenses» acaba de pronunciar publicamente, em manifesto, a sua opinião sobre o grave conflito hospitalar. De entre várias afirmações, que pecam, umas, pela excessiva aspergesa e injustiça com que se refere à Faculdade de Medicina, outras, pelas referências exageradamente laudatórias que dedicam ao prof. Bissaya Barreto e que nos não interessam, destacamos algumas que enciam factos escandalosos que sobrejam confirmam o que aqui temos dito sobre os Hospitais, na campanha que, em prol da sanidade pública, temos sustentado.

Reclamarmos, para quê, se parece que todos estes surtos e cegos?

Infeliz povo, que se deixa assim roubar por uma cálifa de gananciosos do pior quânto!

Allego que o freguez arrogante,

responde ao freguez arrogante,

com que se estivessem no áureo período em que o latrocínio comercial teve a sua aura nítida.

Reclamarmos, para quê, se parece que todos estes surtos e cegos?

Infeliz povo, que se deixa assim roubar por uma cálifa de gananciosos do pior quânto!

«Um grupo de conimbricenses» acaba de pronunciar publicamente, em manifesto, a sua opinião sobre o grave conflito hospitalar.

COIMBRA, 26.—Continua de pé, sem solução, sendo o tema preferido de quase todos as conversas, o conflito, que ontem históriamente suscitado entre o director dos Hospitais Universitários, dr. Novais e Sousa, e o dr. Bissaya Barreto, ambos professores da Faculdade de Medicina, desta cidade.

«Um grupo de conimbricenses» acaba de pronunciar publicamente, em manifesto,

COIMBRA, 26.—Continua de pé, sem solução,

sendo o tema preferido de quase todos as conversas, o conflito,

que ontem históriamente suscitado entre o director dos Hospitais Universitários, dr. Novais e Sousa, e o dr. Bissaya Barreto, ambos professores da Faculdade de Medicina, desta cidade.

«Um grupo de conimbricenses» acaba de pronunciar publicamente, em manifesto,

COIMBRA, 26.—Continua de pé, sem solução,

sendo o tema preferido de quase todos as conversas, o conflito,

que ontem históriamente suscitado entre o director dos Hospitais Universitários, dr. Novais e Sousa, e o dr. Bissaya Barreto, ambos professores da Faculdade de Medicina, desta cidade.

«Um grupo de conimbricenses» acaba de pronunciar publicamente, em manifesto,

COIMBRA, 26.—Continua de pé, sem solução,

sendo o tema preferido de quase todos as conversas, o conflito,

que ontem históriamente suscitado entre o director dos Hospitais Universitários, dr. Novais e Sousa, e o dr. Bissaya Barreto, ambos professores da Faculdade de Medicina, desta cidade.

«Um grupo de conimbricenses» acaba de pronunciar publicamente, em manifesto,

COIMBRA, 26.—Continua de pé, sem solução,

sendo o tema preferido de quase todos as conversas, o conflito,

que ontem históriamente suscitado entre o director dos Hospitais Universitários, dr. Novais e Sousa, e o dr. Bissaya Barreto, ambos professores da Faculdade de Medicina, desta cidade.

«Um grupo de conimbricenses» acaba de pronunciar publicamente, em manifesto,

COIMBRA, 26.—Continua de pé, sem solução,

sendo o tema preferido de quase todos as conversas, o conflito,

que ontem históriamente suscitado entre o director dos Hospitais Universitários, dr. Novais e Sousa, e o dr. Bissaya Barreto, ambos professores da Faculdade de Medicina, desta cidade.

«Um grupo de conimbricenses» acaba de pronunciar publicamente, em manifesto,

COIMBRA, 26.—Continua de pé, sem solução,

sendo o tema preferido de quase todos as conversas, o conflito,

que ontem históriamente suscitado entre o director dos Hospitais Universitários, dr. Novais e Sousa, e o dr. Bissaya Barreto, ambos professores da Faculdade de Medicina, desta cidade.

«Um grupo de conimbricenses» acaba de pronunciar publicamente, em manifesto,

COIMBRA, 26.—Continua de pé, sem solução,

sendo o tema preferido de quase todos as conversas, o conflito,

que ontem históriamente suscitado entre o director dos Hospitais Universitários, dr. Novais e Sousa, e o dr. Bissaya Barreto, ambos professores da Faculdade de Medicina, desta cidade.

«Um grupo de conimbricenses» acaba de pronunciar publicamente, em manifesto,

COIMBRA, 26.—Continua de pé, sem solução,

## MARCO POSTAL

Sines.—J. I. Oliveira.—Recebemos o cheque de que falan, para a liquidação de Setembro.

Coimbra.—Januario.—Segue o jornal para o agente em Scure. Vamos-lhe escrever.

Recebemos vale de 10\$00.

Silves.—J. Reis Sequeira.—Recebemos um vale de correio sem indicação a que se destina.

## CAMBIOS

Paises	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	9500	
Madrid cheque	2507,5	
Paris, cheque..	571	
Suica ..	5578	
Bruxelas cheque	2374	
New-York, ..	1950	
Amsterdão ..	7584	
Itália, cheque ...	383,5	
Brasil, ..	2845	
Praga, ..	558,5	
Suecia, cheque.	5524	
Austria, cheque	2577	
Berlim, ..	4560	

## TEATROS

Nacional.—A's 21,15.—O Paraltico. São Luis,—A's 21,—O Príncipe Orloff. Gimnásio,—A's 21,30.—A Peleira do Gato. Poiteama,—A's 21,—O Centenário. Apolo,—A's 20,30 e 22,30.—A Princesa Manequim.

Eden,—A's 20,45 e 22,45.—Cabaz de Morangos.

Variedades,—A's 20,30 e 22,30.—Era uma vez uma menina.

Joaquina de Almeida.—A's 20,30 e 22,30.—Variedades.

Coimbra,—A's 21.—Companhia de circo.

Salão Foz.—A's 15 e às 20,30.—Variedades.

Avenida Parque.—Diversões.

## CINEMAS

Tivoli.—Avenida da Liberdade.—Olimpia.—«Matinées» e «soirées».—Salão Central.—Praça dos Restauradores.—Chiado Terrasse,—Rua António Maria Cardoso.—Cinema Condes.—Avenida da Liberdade.—Pathé Cinema.—Rua Francisco Sanches.—Salão Ideal.—Rua do Loreto.—Eden—Cinema.—Rua do Alívio (Alcântara).—Cine Paris.—Rua Ferreira Borges.—Alhambra.—Parque Mayer. (Variedades).—Salão Lisboa.—(Mouraria).—Cine-Esperança.—(Rua da Esperança).—Domingos, terças, quintas e sábados, às 20,30, animatógrafo.—Salão da Promotora.—A's 20 horas.

## ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.

## Pedidos a:

FRANCISCO LATTÀ  
LARGO DO CONDE BARÃO, 55  
Tabacaria e Kiosque

## Associação de Socorros Mutuos

## «A Nova Aliança»

Sede: R. da Cruz dos Pois, 33 — LISBOA

## AVISO

Nos termos dos parágrafos 2º e 3º do art. 26.º e do §. 1º do Art. 26.º dos nossos Estatutos, convoca a Assembleia Geral a reunir-se às 20 horas dia 2 de Dezembro de 1926, na sede social.

## ORDEN DA NOITE

Eleição dos Corpos Gerentes para a exercício de 1927. Se no dia da primeira convocação não puder a assembleia funcionar, por falta de número legal de sócios, fica, desde já, a mesma convocada para o dia 1 de Janeiro de 1927, no mesmo local, à mesma hora, com o mesmo Ordem do Dia.

Lisboa, Secretaria da Mesa da Assembleia Geral em 26 de Novembro de 1926. O Presidente da Mesa, Acacio Eduardo dos Santos.

## POLICLINICA DO RATO

Praça do Brasil, 45, I.<sup>o</sup>

Telefone N. 1200

Clínica geral, senhoras, crianças e partos. — Dr. António Monteiro — 11 horas.

Boca e dentes. — Dr. Julio Gonçalves. — 13 horas.

Rins e vias urinárias. — Dr. Lourenço Raimundo. — 13 horas.

Mácula ocular e doenças nervosas. — Dr. António Fernandes. — 15 horas.

Doenças dos olhos. — Dr. João Saraiva. — 15 horas.

Garganta, ouvidos e nariz. — Dr. Tavares do Couto. — 12 horas.

Ginecologia e operações. — Dr. João de Moraes Sarmento. — 10 horas.

Pulmões, pele e sifilis. — Dr. Ruval Saavedra. — 17 horas.

Cirurgia médica, estomago, intestinos e figado. — Dr. José Crespo. — 17 horas.

Raios X. — Dr. Aleu Saldanha Cruz.

Análises clínicas, eletroterapia, massagem e ginástica médica

## Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões. — Dr. Armando Narro. Cirurgia, operações. — Dr. Bernardo Vilar—thoras. Rins, vias urinárias. — Dr. Miguel Magalhães—10 horas. Pneumonia, sifilis. — Dr. Correia Figueiredo—11 horas. Doenças nervosas, electroterapia. — Dr. R. Loff. Doenças dos olhos. — Dr. Mário de Matos—2 horas. Garganta, nariz e ouvidos. — Dr. Mário Oliveira—12 horas. Estómaco e intestinos. — Dr. Mendes Belo—5 horas. Doenças das membranas. — Dr. Eufémio Paiva—2 horas. Doenças das crianças. — Dr. Filipe Manso—12 horas. Tratamento de diabetes. — Dr. Ernesto Roma—5 horas. Boca e dentes. — Dr. Armando Lima—10 horas. Câncer e rádio. — Dr. Cabral de Melo—4 horas. Reumatismo. — Dr. Alex Salomão—1 horas. Análises. — Dr. Gabriel Beato—1 horas.

Cooperativa dos Operários Chapeleiros. Grande sortimento em chapéus, lisos e malhas, em cores lindíssimas, formados pelos famosos fabricantes extrangeiros.

GRANDE NOVIDADE

Especialidade em chapéus de seda

FLAMÃO

Chapéu mole, novo modelo americano muito elegante, só em

Cooperativa A SOCIAL

Armazém e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1º.

ESTABELECIMENTOS

Séde: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A

2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29

3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56 52

FÁBRICA DE BONETS — Chapéu modelo Juarez (Exclusivo)

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10%.

NA SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora. . . . .  
Sapatos em verniz. . . . .  
Eitas pretas (grande salão) . . . . .  
Eitas brancas (salão) . . . . .  
Grande saída de botas pretas . . . . .  
Eitas de couro para homens . . . . .

Não confundir com a SOCIAL OPERARIA com outra casa.

Na bem, só lá encontra bens de qualidade.

A Social Operaria e marcas das Casas Alves,

18-24, com Filial na mesma marca, 4º 4x.

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.

## Pedidos a:

FRANCISCO LATTÀ  
LARGO DO CONDE BARÃO, 55  
Tabacaria e Kiosque

Milhares de curas



## SE DEVEM AO HERPETOL

Único remédio eficaz para as doenças de PELE

Esta criança foi torturada por uma forte comichão. Depois de ter usado várias pomadas e outros ingredientes que os pais achavam, resolveram consultar o médico, o qual recebeu um frasco de HERPETOL.

Este frasco, que tinha a aparência escamada muito irritada, forçando a criança a um permanente coçar, logo as primeiras aplicações do HERPETOL sentiu-se instantaneamente aliviada, e antes de terminado um frasco todas as manifestações haviam desaparecido.

É recomendado em todos os casos de eczema, acne, furunculos, erupções, erupções, espessas e edemáceas de insectos.

Terapêuticos e alicores.

Tratamentos da Criança.

SEGURO DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

Manuals de ofícios

Galvanoplastia. . . . .

Motoras de explosão. . . . .

Navegante. . . . .

Cimento armado. . . . .

CONSTRUÇÃO CIVIL

Acabamentos das construções. . . . .

Alvenaria e Cantaria. . . . .

Editificações. . . . .

Encanamentos e salubridade das habitações. . . . .

Materiais de construção. . . . .

Terraplenagens e alicerces. . . . .

Trabalhos da Carpintaria. . . . .

DIVERSAS INDÚSTRIAS

Condutor de Máquinas. . . . .

Fogueteiro. . . . .

Formador e estucador. . . . .

Fundidor. . . . .

Photógrafo. . . . .

Indústria alimentar. . . . .

Indústria do vidro. . . . .

ELEMENTOS GERAIS

Algebra elementar. . . . .

Aritmética prática. . . . .

Desenho linear geométrico. . . . .

Elementos de electricidade. . . . .

Elementos de física. . . . .

BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

Elementos de Mecânica. . . . .

Elementos de Modelação. . . . .

Elementos de Projeções. . . . .

Elementos de Química. . . . .

Geometria plana e no espaço. . . . .

Fabricante de tecidos. . . . .

MECÂNICA

Torneiro e Frazer mecanicos. . . . .

Desenho de máquinas. . . . .

Material agrícola. . . . .

Nomenclatura de cadeiras e máquinas a vapor. . . . .

Problemas de máquinas. . . . .

CONSTRUÇÃO CIVIL

Acabamentos das construções. . . . .

Alvenaria e Cantaria. . . . .

Editificações. . . . .

Encanamentos e salubridade das habitações. . . . .

Materiais de construção. . . . .

Terraplenagens e alicerces. . . . .

Trabalhos da Carpintaria. . . . .

DIVERSAS INDÚSTRIAS

Condutor de Máquinas. . . . .

Fogueteiro. . . . .

Formador e estucador. . . . .

Fundidor. . . . .

Photógrafo. . . . .

Indústria alimentar. . . . .

Indústria do vidro. . . . .

TERAPÉUTICO

Elementos de Mecânica. . . . .

Elementos de Modelação. . . . .

# A BATALHA

"A Batalha" publicará na próxima terça feira revelações sensacionais sobre o Espadim Português



## Uma circular enviada aos organismos operários sobre a constituição do novo Conselho Confederal

Prezados camaradas! — Por resolução do Conselho Confederal, reunido em 22 do corrente, foi deliberado transmitir-vos para conhecimento, a conclusão a que o Conselho chegou sobre a aceitação dos delegados das Federações de Calçado, Couros e Peles, União dos Sindicatos de Évora e Mineiros de São Domingos, pelo extracto, o mais pormenorizado possível, de debate sustentado e que fez prevalecer o critério da aceitação dos referidos delegados.

É preciso partilhar o ponto que o espírito que presidiu à solução encontrada, foi o da máxima tolerância e obediência aos princípios autonomistas da organização. Ainda mais: O actual Conselho, dentro dessa tolerância e espírito de imparcialidade, devia abstrair-se dos acontecimentos anteriores, para não cair nêles ou em idênticos. Completamente independente, o Conselho teve em mira cumprir o estatuto confederal. Poderá haver qualquer razão moral, baseada nas reuniões das Federações, mas o que é necessário atender é que o Conselho Confederal, actual, tem, em virtude do estatuto que atravessa a organização, por missão especial, conciliar todos e para isso não deve excluir os que são indicados legalmente pelos respectivos organismos, nem pode, se realmente pretende contribuir para o robustecimento da organização, colocar-se fora do campo justo e das normas da organização — *sueus estatutos*.

Mas, transcrevemos o que se passou para melhor ilustração desse organismo. Levantada a questão na reunião de 12, pelo delegado do Sindicato da Marinha Grande, vários outros delegados se pronunciaram, tirando-se das suas considerações as seguintes lições:

O que defendiam o ponto de vista da não aceitação dos delegados, argumentaram que tendo a reunião de Federações resolvido que não fossem reeleitos os delegados que mais ou menos tivessem tomado parte ou inclinado a qualquer dos litigantes em conflito no anterior Conselho, por uma questão de dignidade; no cumprimento dessa resolução não estava certo a aceitação dos três delegados em referência. Aém desse facto, eles se encontravam incompatibilizados moralmente com o Conselho, sendo este o principal motivo do critério da não aceitação. Dentro desse espírito, os delegados da Federação do Livro e do Jornal, apresentaram a seguinte moção de ordem:

Atendendo a que a Federação de Calçado, Couros e Peles, a União dos Sindicatos de Évora e o Sindicato dos Mineiros de São Domingos, não respeitaram de motu proprio a resolução das reuniões de Federações;

Atendendo a que o procedente aberto pela aceitação dos delegados respectivos pela anterior atitude assumida pelos mesmos, nos lamentáveis sucessos do C. C., é contra o espírito das deliberações da maioria dos organismos aderentes, princípio por que se orienta, em matéria de resoluções, a organização operária;

Atendendo a que a presença dos dits delegados neste Conselho, é como que a ampliação do mal estar em que agia no próprio; o Conselho Confederal em sua primeira reunião de 12 do corrente, resolve:

Lamentar a sistemática resolução dos organismos indicados acima, fazendo sentir aos mesmos a sua intolerância em face dos restantes que em maioria aceitaram a resolução das reuniões das Federações e suspendeu a aceitação das respectivas delegacias, até futura resposta dos dits organismos e passa à Ordem dos Trabalhos.

Os delegados com critério oposto argumentaram da seguinte maneira:

O Conselho que iniciava os seus trabalhos deveria revestir-se do espírito da maior independência e isenção, não se inclinando por isso para qualquer dos lados, mas sim ter em conta o cumprimento dos respectivos estatutos. O mesmo Conselho deveria ter o seu critério, baseado na sua própria constituição e natureza da organização e não aceitar o que tivesse proveniente fora do logar devido, isto é, em relação à reunião das Federações, visto que, se havia organismos que tinham aceite as suas resoluções, outros estavam em terreno oposto. E partindo do princípio de tolerância, que logo de entrada deveria caracterizar as resoluções do Conselho, os delegados deveriam ser aceites.

Quanto à incompatibilidade moral, estes delegados reconheceram não existir ela para com este Conselho, exactamente por que ele deveria abstrair-se da discussão das questões suscitadas no anterior e proceder generosa e livremente. E sendo assim, racional seria a aceitação dos delegados e respeitar-se a autonomia dos respectivos organismos o que, para o actual Conselho, deveria ser de primordial importância, evitando-se, quem sabe? a saída de alguns organismos da C. G. T., pois querendo-se evitar um conflito com a não aceitação dos delegados, seria bom ponderar-se não ir levantar outro. Nesta condição o delegado da Federação Ferroviária apresentou a seguinte moção:

Considerando que o actual Conselho tem necessidade de estabelecer — para um bom trabalho futuro — uma acertada homogeneidade entre os seus componentes, de maneira a poder cumprir a missão que lhe está designada, de conformidade com os princípios que orientam a organização;

Considerando que para tal se observar de início e uma atmosfera de tolerância se vislumbre nas intenções de todos, necessário se torna esquecer factos passados que a debaterem-se, de novo, mesmo só em determinados aspectos, poderão fazê-los resurgir em tóda a sua amplitud, ou originar outros acontecimentos em prejuízo da organização;

Considerando que todos os delegados ao Conselho, o são por indicação directa dos respetivos organismos que representam, que devem tomar disso inteira responsabilidade;

Considerando que o Conselho tem de respeitar a autonomia e a vontade desses organismos;

Considerando ainda que os delegados em questão não foram os principais elementos antagónicos do Conselho anterior, nem as causas que originaram o conflito em referência subsistem;

Considerando que o ambiente é que contribui a maior parte das vezes para dar vulto aos acontecimentos, o que também não se adapta ao actual Conselho, visto

que deve iniciar hoje serenamente os seus trabalhos;

Considerando que devemos ser nós os primeiros a não abrir novas dissidências ou não agravar as já existentes;

o Conselho Confederal reunido em 12 de Novembro de 1926,

Resolve:

“Aceitar no seu seio todos os delegados indicados pelos organismos confederados, desde que eles estejam nas condições dos respectivos estatutos;

“Afirmar os desejos em que se encontra de contribuir com todo o seu esforço e como é do seu dever para o levantamento da classe trabalhadora;

“Afimar também a disposição que o anima de fazer trabalho útil e em conjunto de defesa dos verdadeiros interesses económicos, morais e sociais do proletariado.”

Esta moção foi no entanto rejeitada e aprovada a moção de ordem da Federação do Livro e do Jornal, por 7 votos contra 6 e 4 abstenções.

Em vista disto, os delegados dos organismos atingidos retiraram-se, bem como os delegados da U. S. O. do Porto e Mineiros de Aljustrel, até que os seus organismos se pronunciasssem, tendo o delegado dos Mineiros de São Domingos, no recesso apresentado uma declaração, em que o respectivo organismo declarou suspender as relações com a C. G. T., até que o Conselho explicasse as razões que o levam a não aceitar o referido delegado e propor a nomeação dum comissário que inquiriria os actos do mesmo como militante dentro da Confederação.

Na reunião de 17 do corrente, receberam-se telegramas dos Mineiros de São Domingos e U. S. O. de Évora e ofício da Federação de Calçado, Couros e Peles, confirmando a nomeação dos delegados. Nesta reunião, resolvem-se debater o assunto na sessão de 22. Nestas, foram recebidos ofícios dos três organismos atingidos, confirmando os telegramas e nomeação dos delegados e ofício da U. S. O. do Porto apoiando a atitude dos seus delegados e defendendo a entrada no Conselho de todos os delegados nomeados pelos respectivos organismos.

Havia sobre a mesa uma proposta de Antônio Monteiro, delegado da Federação do Livro e do Jornal, que tinha sido enviada a terminar a sessão anterior e é do teor seguinte:

“Que o assunto delegacias, rejeitadas na reunião de 12, seja relegado para a reunião de 22, devendo entretanto à C. A. ou Comité Confederal, enviar delegados junto dos respetivos organismos visados, no sentido de poder extrair ao Conselho a opinião exacta dos mesmos, por via de toda a sua composição orgânica.”

O seu autor, em reforço, faz várias considerações. Destacaremos as que seguem:

Lamentar que a C. A. não tivesse enviado delegacias à província, aos organismos em questão. Entende que os referidos delegados não devem ser aceites no Conselho, para que a organização possa marchar melhor. Tem que se aceitar o princípio estabelecido pela reunião de Federações. De novo afirma existir incompatibilidade moral em virtude dos acontecimentos, defendendo a entrada no Conselho de todos os delegados nomeados pelos respectivos organismos.

Atendendo a que a Federação de Calçado, Couros e Peles, a União dos Sindicatos de Évora e o Sindicato dos Mineiros de São Domingos, não respeitaram de motu proprio a resolução das reuniões de Federações;

Atendendo a que o procedente aberto pela aceitação dos delegados respectivos pela anterior atitude assumida pelos mesmos, nos lamentáveis sucessos do C. C., é contra o espírito das deliberações da maioria dos organismos aderentes, princípio por que se orienta, em matéria de resoluções, a organização operária;

Atendendo a que a presença dos dits delegados neste Conselho, é como que a ampliação do mal estar em que agia no próprio; o Conselho Confederal em sua primeira reunião de 12 do corrente, resolve:

Lamentar a sistemática resolução dos organismos indicados acima, fazendo sentir aos mesmos a sua intolerância em face dos restantes que em maioria aceitaram a resolução das reuniões das Federações e suspendeu a aceitação das respectivas delegacias, até futura resposta dos dits organismos e passa à Ordem dos Trabalhos.

Os delegados com critério oposto argumentaram da seguinte maneira:

O Conselho que iniciava os seus trabalhos deveria revestir-se do espírito da maior independência e isenção, não se inclinando por isso para qualquer dos lados, mas sim ter em conta o cumprimento dos respectivos estatutos. O mesmo Conselho deveria ter o seu critério, baseado na sua própria constituição e natureza da organização e não aceitar o que tivesse proveniente fora do logar devido, isto é, em relação à reunião das Federações, visto que, se havia organismos que tinham aceite as suas resoluções, outros estavam em terreno oposto. E partindo do princípio de tolerância, que logo de entrada deveria caracterizar as resoluções do Conselho, os delegados deveriam ser aceites.

Quanto à incompatibilidade moral, estes delegados reconheceram não existir ela para com este Conselho, exactamente por que ele deveria abstrair-se da discussão das questões suscitadas no anterior e proceder generosa e livremente. E sendo assim, racional seria a aceitação dos delegados e respeitar-se a autonomia dos respectivos organismos o que, para o actual Conselho, deveria ser de primordial importância, evitando-se, quem sabe? a saída de alguns organismos da C. G. T., pois querendo-se evitar um conflito com a não aceitação dos delegados, seria bom ponderar-se não ir levantar outro. Nesta condição o delegado da Federação Ferroviária apresentou a seguinte moção:

Considerando que o actual Conselho tem necessidade de estabelecer — para um bom trabalho futuro — uma acertada homogeneidade entre os seus componentes, de maneira a poder cumprir a missão que lhe está designada, de conformidade com os princípios que orientam a organização;

Considerando que para tal se observar de início e uma atmosfera de tolerância se vislumbre nas intenções de todos, necessário se torna esquecer factos passados que a debaterem-se, de novo, mesmo só em determinados aspectos, poderão fazê-los resurgir em tóda a sua amplitud, ou originar outros acontecimentos em prejuízo da organização;

Considerando que todos os delegados ao Conselho, o são por indicação directa dos respetivos organismos que representam, que devem tomar disso inteira responsabilidade;

Considerando que o Conselho tem de respeitar a autonomia e a vontade desses organismos;

Considerando ainda que os delegados em questão não foram os principais elementos antagónicos do Conselho anterior, nem as causas que originaram o conflito em referência subsistem;

Considerando que o ambiente é que contribui a maior parte das vezes para dar vulto aos acontecimentos, o que também não se adapta ao actual Conselho, visto

que deve iniciar hoje serenamente os seus trabalhos;

Considerando que devemos ser nós os primeiros a não abrir novas dissidências ou não agravar as já existentes;

o Conselho Confederal reunido em 12 de Novembro de 1926,

Resolve:

“Aceitar no seu seio todos os delegados indicados pelos organismos confederados, desde que eles estejam nas condições dos respectivos estatutos;

“Afirmar os desejos em que se encontra de contribuir com todo o seu esforço e como é do seu dever para o levantamento da classe trabalhadora;

“Afimar também a disposição que o anima de fazer trabalho útil e em conjunto de defesa dos verdadeiros interesses económicos, morais e sociais do proletariado.”

Esta moção foi rejeitada e aprovada a moção de ordem da Federação do Livro e do Jornal, por 7 votos contra 6 e 4 abstenções.

Em vista disto, os delegados dos organismos atingidos retiraram-se, bem como os delegados da U. S. O. do Porto e Mineiros de Aljustrel, até que os seus organismos se pronunciasssem, confirmando os telegramas e nomeação dos delegados e ofício da U. S. O. do Porto apoiando a atitude dos seus delegados e defendendo a entrada no Conselho de todos os delegados nomeados pelos respectivos organismos.

Havia sobre a mesa uma proposta de Antônio Monteiro, delegado da Federação do Livro e do Jornal, que tinha sido enviada a terminar a sessão anterior e é do teor seguinte:

“Que esta comissão traga ao Conselho, no mais curto espaço de tempo, um parecer desenvolvido sobre todos os assuntos que motivaram as desavenças do Conselho transacto e bem assim sobre as delegacias em questão, para que este de consciência se possa manifestar.”

Esta moção foi rejeitada por maioria, ressalvando-se o 2º ponto, visto o Conselho já ter resolvido nomear a comissão de elementos estranhos ao mesmo.

Gonçalves Vidal, dos Vidreiros de Marinha Grande, apresentou também a seguinte moção de ordem:

“Considerando que, no seu seio todos os delegados indicados pelos organismos confederados, desde que eles estejam nas condições dos respectivos estatutos;

“Afirmar os desejos em que se encontra de contribuir com todo o seu esforço e como é do seu dever para o levantamento da classe trabalhadora;

“Afimar também a disposição que o anima de fazer trabalho útil e em conjunto de defesa dos verdadeiros interesses económicos, morais e sociais do proletariado.”

Esta moção foi rejeitada e aprovada a moção de ordem da Federação do Livro e do Jornal, por 7 votos contra 6 e 4 abstenções.

Em vista disto, os delegados dos organismos atingidos retiraram-se, bem como os delegados da U. S. O. do Porto e Mineiros de Aljustrel, até que os seus organismos se pronunciasssem, confirmando os telegramas e nomeação dos delegados e ofício da U. S. O. do Porto apoiando a atitude dos seus delegados e defendendo a entrada no Conselho de todos os delegados nomeados pelos respectivos organismos.

Havia sobre a mesa uma proposta de Antônio Monteiro, delegado da Federação do Livro e do Jornal, que tinha sido enviada a terminar a sessão anterior e é do teor seguinte:

“Que esta comissão traga ao Conselho, no mais curto espaço de tempo, um parecer desenvolvido sobre todos os assuntos que motivaram as desavenças do Conselho transacto e bem assim sobre as delegacias em questão, para que este de consciência se possa manifestar.”

Esta moção foi rejeitada por maioria, ressalvando-se o 2º ponto, visto o Conselho já ter resolvido nomear a comissão de elementos estranhos ao mesmo.

Gonçalves Vidal, dos Vidreiros de Marinha Grande, apresentou também a seguinte moção de ordem:

“Considerando que, no seu seio todos os delegados indicados pelos organismos confederados, desde que eles estejam nas condições dos respectivos estatutos;

“Afirmar os desejos em que se encontra de contribuir com todo o seu esforço e como é do seu dever para o levantamento da classe trabalhadora;

“Afimar também a disposição que o anima de fazer trabalho útil e em conjunto de defesa dos verdadeiros interesses económicos, morais e sociais do proletariado.”

Esta moção foi rejeitada e aprovada a moção de ordem da Federação do Livro e do Jornal, por 7 votos contra 6 e 4 abstenções.

Em vista disto, os delegados dos organismos atingidos retiraram-se, bem como os delegados da U. S. O. do Porto e Mineiros de Aljustrel, até que os seus organismos se pronunciasssem, confirmando os telegramas e nomeação dos delegados e ofício da U. S. O. do Porto apoiando a atitude dos seus delegados e defendendo a entrada no Conselho de todos os delegados nomeados pelos respectivos organismos.

Havia sobre a mesa uma proposta de Antônio Monteiro, delegado da Federação do Livro e do Jornal, que tinha sido enviada a terminar a sessão anterior e é do teor seguinte:

“Que esta comissão traga ao Conselho, no mais curto espaço de tempo, um parecer desenvolvido sobre todos os assuntos que motivaram as desavenças do Conselho transacto e bem assim sobre as delegacias em questão, para que este de consciência se possa manifestar.”

Esta moção foi rejeitada por maioria, ressalvando-se o 2º ponto, visto o Conselho já ter resolvido nomear a comissão de elementos estranhos ao mesmo.

Gonçalves Vidal, dos Vidreiros de Marinha Grande, apresentou também a seguinte moção de ordem:

“Considerando que, no seu seio todos os delegados indicados pelos organismos confederados, desde que eles estejam nas condições dos respectivos estatutos;

“Afirmar os desejos em que se encontra de contribuir com todo o seu esforço e como é do seu dever para o levantamento da classe trabalhadora;

“Afimar também a disposição que o anima de fazer trabalho útil e em conjunto de defesa dos verdadeiros interesses económicos, morais e sociais do proletariado.”

Esta moção foi rejeitada e aprovada a moção de ordem da Federação do Livro e do Jornal, por 7 votos contra 6 e 4 abstenções.

Em vista disto, os delegados dos organismos atingidos retiraram-se, bem como os delegados da U. S. O. do Porto e Mineiros de Aljustrel, até que os seus organismos se pronunciasssem